

Do altermundismo à indignação

Cronótopos do ativismo político juvenil em Barcelona

**CARLES FEIXA PÀMPOLS /
JOSÉ SÁNCHEZ GARCÍA /
JORDI NOFRE MATEO**

A onda recente de ativismo juvenil na cena internacional, vinculada ao impacto dos novíssimos movimentos sociais, às reações diante da crise financeira e à expansão das novas tecnologias, expressa-se numa série de *eventos cronotópicos*, isto é, em acontecimentos emblemáticos que condensam os espaços e os tempos de uma sociedade determinada. Este artigo se aproxima de tais eventos a partir do estudo de caso realizado em Barcelona. A análise permite estabelecer um percurso pelos ativismos políticos juvenis que explica o crescente desencontro entre culturas políticas diferenciadas e a emergência de novas formas de protesto.

Numa manhã de final de novembro de 1994, as margens ajardinadas da barcelonesa Avenida Diagonal, próximas aos campi universitários, apareceram abarrotadas de centenas e centenas de barracas de acampamento instaladas para demandar maior solidariedade com os países pobres. A autodenominada «Acampada pelo 0,7» – idealizada e organizada em forma

Carles Feixa Pàmpols: é professor de Antropologia Social e coordenador do Centro de Estudos em Juventude e Sociedade (JOVIS), Universidade de Lleida. Correio eletrônico: <feixa@geosoc.udl.cat>.

José Sánchez García: é pesquisador de pós-doutorado e técnico do projeto Genind, Centro de Estudos em Juventude e Sociedade (JOVIS), Universidade de Lleida.

Jordi Nofre Mateo: é pesquisador de pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa e pesquisador associado do Centro de Estudos em Juventude e Sociedade (JOVIS), Universidade de Lleida.

Palavras-chave: ativismo juvenil, cronótopo, indignados, movimentos sociais, Barcelona.

Nota: este artigo se inscreve no projeto de pesquisa Genind: «La generación indignada: espacio, poder y cultura en los movimientos juveniles del año 2011», financiado pelo Ministério de Economia e Competitividade da Espanha, VI Programa Marco de I+D+i 2008-2011 (CSO2012-34415). Blog: <<http://lageneracionindignada.blogspot.com.es/>>. Tradução de Celina Lagrutta. A versão original deste artigo em espanhol foi publicada em *Nueva Sociedad* N° 251, 5-6/2014, disponível em <www.nuso.org/upload/articulos/4030_1.pdf>.

de assembleia – conseguiu congregiar mais de mil ativistas, ONGs e cidadãos que exigiam do governo do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), presidido por Felipe González, a destinação de 0,7% do PIB espanhol para programas de ajuda humanitária e desenvolvimento local no Terceiro Mundo. A Acampada pelo 0,7 apresentou dois aspectos de enorme interesse para o estudo da recente eclosão de novos movimentos sociais ao longo de toda a geografia mediterrânea: a) foi organizada através de redes sociais «tradicionais», o que relativizaria o suposto poder de mobilização das redes sociais virtuais; b) a ação foi tolerada pela administração local, inclusive com certa simpatia, até a noite de Natal, quando a Acampada se deslocou para o centro da cidade e acabou sendo reprimida por ser considerada um elemento perturbador para a tranquilidade dos consumidores natalinos que se encontrassem com um protesto social de cunho altermundista.

Dois anos mais tarde, em 28 de outubro de 1996, as forças de segurança desocupavam violentamente o Cine Princesa, devido a um (hipotético) risco de desmoronamento do edifício. Este, outrora sede do sindicato anarquista Confederação Nacional de Trabalhadores (CNT), albergava vários grupos libertários e anarquistas que haviam transformado o imóvel num centro social ocupado (CSO), aberto 24 horas, onde ofereciam comida quente a pessoas carentes e realizavam conferências, oficinas de índole diversa, assim como projeções de documentários de marcada temática social e política. Durante o despejo do Cine Princesa, 14 jovens *okupas* ficaram feridos como consequência do uso da violência por parte das forças de segurança do Estado, enquanto outras 48 pessoas foram presas e julgadas como terroristas, para serem encarceradas e finalmente absolvidas em 2003.

A Acampada pelo 0,7 do final de 1994 e o despejo do Cine Princesa em outubro de 1996 permitem entrever, com efeito, dois modos de entender o protesto social em Barcelona. O primeiro evento poderia ser entendido como um *protomovimento de indignação* de natureza reformista que exige respostas para as crescentes desigualdades derivadas dos processos de globalização e da eclosão de um hipermodernizado Terceiro Mundo na Europa do Sul, como resultado da aplicação da agenda política e econômica neoliberal. O segundo episódio, entendido como a resistência de ativistas diante da violência estatal no despejo do Cine Princesa, foi protagonizado por um movimento altercapitalista e alterglobalização que explorava novas formas de resistência às estratégias levadas a cabo pelos aparelhos ideológicos do Estado penal neoliberal, fundamentadas não só no ostracismo midiático e cidadão da repressão, mas, principalmente, através da criminalização do ser jovem e

ativista altercapitalista¹. No entanto, e apesar da convergência no movimento dos indignados de 2011, uma análise da trajetória do ativismo juvenil na Espanha ao longo da última década permitiria entrever divergências e fraturas entre os manifestantes que poderiam ser catalogados como «reformistas» e aqueles outros agrupados sob a etiqueta midiática de «anticapitalistas radicais»².

Apesar da convergência no movimento dos indignados de 2011, uma análise da trajetória do ativismo juvenil na Espanha ao longo da última década permitiria entrever divergências e fraturas entre os «reformistas» e os «anticapitalistas radicais» ■

■ Cinco acontecimentos cronotópicos do ativismo político juvenil na Barcelona contemporânea³

Ao longo dos últimos anos, durante os quais a designada «juventude apática» parecia ser maioria, alguns grupos ativistas apresentaram novas formas *híbridas* de oposição política no espaço público, combinando o ativismo tradicional das ruas com o ativismo no espaço virtual. Trata-se de grupos de ativistas transversais em termos geracionais, assim como em relação ao gênero (o desafio à heteronormatividade patriarcal dos movimentos sociais na Espanha deve ser visto como uma grande novidade), e inclusive no tocante à vida política, já que incluem um variado elenco de posicionamentos ideológicos para contribuir para a luta de classes (de baixo para cima). Nesse sentido, os acontecimentos cronotópicos expostos a seguir têm como objetivo, por um lado, mostrar o sobressalto expresso pela geração dominante (adulta) ante um crescente ativis-

1. Como assinalam Manuel Castells e Loïc Wacquant, o termo «altercapitalista» é a denominação utilizada pelos próprios grupos para se dotarem de um sentido positivo e evitar, ao mesmo tempo, a etiqueta «anticapitalista», utilizada como estigma nos meios de comunicação. M. Castells: «Crisis y sistema» em *La Vanguardia*, 30/7/2011; L. Wacquant: «The Militarization of Urban Marginality: Lessons from the Brazilian Metropolis» em *International Political Sociology* vol. 2 N° 1, 2008, pp. 56-74.

2. Para uma aproximação em profundidade das causas sociais e econômicas do aumento do protesto político na Espanha, v. C. Feixa e J. Nofre (eds.): *#Generación Indignada. Topías y utopías del 15M*, Milenio, Lleida, 2013. Sobre a aparição do precariado na Espanha, v. C. Feixa, J. Nofre e J. Sánchez García: «Lost Histories and Hidden Stories: Divergences and Cleavages of Youth Political Activism in Contemporary Spain», no prelo.

3. Os cronótopos fazem referência a um entrecruzamento da temporalidade e da espacialidade; neste caso, trata-se de acontecimentos emblemáticos que condensam os espaços e os tempos de uma sociedade determinada. A informação referente aos acontecimentos cronotópicos recolhida neste texto provém de diferentes fontes, seja fruto da observação participante – e inclusive militante – dos autores, de entrevistas informais a membros dos diferentes setores envolvidos nos protestos, de documentos em formato impresso ou digital dos grupos ativistas protagonistas dos protestos e, finalmente, de notícias aparecidas nos principais jornais locais e nacionais.

mo juvenil e, por outro, explorar as divergências e fraturas que foram aparecendo durante os últimos dez anos no seio desse mesmo ativismo político juvenil. No caso de Barcelona caberia frisar, adicionalmente, que a mobilização de natureza altercapitalista encontra-se fortemente ligada à memória local (ou memórias locais) de resistência político-social de característica, no geral, anarquista: no início do século xx, a capital catalã era conhecida como a Rosa de Fogo. Isso explica que nas últimas duas décadas Barcelona tenha sido uma das capitais mundiais do movimento alterglobalização, ao mesmo tempo em que albergou um muito consolidado movimento *okupa* e se transformou num cenário de protestos estudantis «anti-Bolonha», contra a construção de um espaço comum europeu de educação superior de claro viés neoliberal.

Cronótopo 1: Cúpula do Banco Mundial em Barcelona (2001). Após anos de desmobilização social e da emergência da geração «Ni-Ni» («Nem-Nem», ou seja, que nem trabalha nem estuda) o protesto contra a Cúpula do Ban-

O protesto contra a Cúpula do BM aparece como uma das melhores expressões visíveis dos processos de radicalização da juventude catalã e da irrupção de uma nova geração militante ■

co Mundial (BM) aparece como uma das melhores expressões visíveis dos processos de radicalização de uma faixa importante da juventude catalã e da irrupção de uma nova geração militante⁴. Organizada pelo Movimento de Resistência Global, na Catalunha (MRG), a campanha contra o BM foi levada a cabo por um amplo conjunto de redes e organizações que abrangem um espectro ideológico-social muito amplo cujos elementos tendiam a

convergir. Esse conjunto se encontrava articulado não tanto como plataforma de organizações, mas a partir de assembleias e comissões de trabalho abertas, nas quais cada pessoa atuava a título individual e não como representante de nenhuma entidade. Essa era a forma organizativa que melhor encaixava com a realidade do movimento na Catalunha naquela época, com um peso muito grande das redes informais e das pessoas chamadas independentes.

O MRG pretendia conjugar vários tipos de atividades com objetivos diferentes (fórum alternativo, manifestação de massas, jornada de ação direta, etc.), en-

4. Ver Jeffrey Juris: «Violencia representada e imaginada. Jóvenes activistas, el Black Bloc y los medios de comunicación en Génova» em C. Feixa e Francisco Ferrándiz (orgs.): *Jóvenes sin tregua. Culturas y políticas de la violencia*, Anthropolos, Barcelona, 2005, pp. 185-208.

quanto tentava mesclar experiências de resistência e contestação político-social, buscando uma perspectiva inclusiva de todas as organizações e indivíduos que, naquele momento, confluíam no MRC. Esse tipo de aprendizagens, de *habitus* incorporados nessa espécie de interstícios cronotópicos, é essencial para entender a aparente espontaneidade da organização da posterior acampada de maio de 2011. Contudo, e apesar da convergência em torno de premissas e objetivos concretos, apareceram as primeiras tensões derivadas da existência de culturas políticas diferentes e de algumas desconfianças mútuas entre alguns setores.

A manifestação se desenvolveu num clima de violência de baixa intensidade apesar da militarização do aparato policial e da crescente aplicação de políticas de «tolerância zero» por parte dos aparatos de governança urbana da «cidade neoliberal». A ausência de um clima de violência como o que caracterizou os protestos de Gênova durante a terceira semana de julho de 2001 favoreceu a legitimação social do movimento, o que levou a uma rápida extensão do apoio local. No entanto, a atitude pacífica dos manifestantes nos protestos contra a cúpula do BM em Barcelona foi rapidamente apropriada pelo prefeito Joan Clos, que considerou que o maciço protesto «antiglobalização» constituía mais um exemplo do «civismo tradicional» (*sic*) dos barceloneses: isso, por sua vez, fez parte da campanha municipal cívica «Barcelona, fem-ho bé» (Barcelona, façamos a coisa certa).

Barcelona, a cidade cosmopolita que atrai o maior número de estudantes Erasmus da União Europeia, já tinha se transformado numa sorte de Seattle do sul da Europa. A partir desse momento, a capital catalã tornou-se um modelo de «civismo» e «participação cidadã» na expressão de descontentamento da população diante de processos globais, como a Guerra do Iraque, e traduziu essas mesmas expressões em grandes desfiles festivos, carnavalescos (o cantor Carlinhos Brown e sua *tropa* aterrissariam na cidade dois anos mais tarde). Por conseguinte, o caráter «cívico» do protesto comportou a sua «institucionalização» e, portanto, a sua despolitização. Tudo isso ajudou a invisibilizar, na memória e na representação do evento cronotópico, tanto os seus organizadores como a sua motivação: o altermundismo.

Cronótopo 2: protestos contra a Guerra do Iraque (2003). O segundo evento cronotópico considerado nos situa nas manifestações que foram convocadas pela *Plataforma Aturem la Guerra*, durante a primeira metade de 2003, contra a segunda Guerra do Iraque, da qual o governo espanhol decidiu (ilegalmente) participar. Sob o lema «Deter a guerra é possível», mais de um milhão de pessoas em Barcelona – 350.000 segundo a delegação do governo

espanhol – manifestaram-se contra a guerra e contra a participação de seu país no conflito armado. Novamente, como nas manifestações contra a cúpula do БМ, o numeroso protesto se dissolveu pacificamente. A manifestação contra a Guerra do Iraque de 15 de fevereiro de 2003 consolidou o modelo de protesto que os governos municipais desejavam. Famílias e pessoas de todas as condições unidas num clamor: um modelo de participação «cívica», pacífica (inofensiva?), performática e carnavalesca, aparentemente organizada pela chamada «sociedade civil», da qual tiravam proveito os partidos opositores ao governo conservador do Partido Popular (PP) – socialistas e ex-comunistas. O protesto tornou-se, desta forma, «politicamente correto», inculcou uma determinada forma de entender a ocupação do centro urbano e conseguiu desativar o objetivo pretendido pelos ativistas juvenis radicais que organizaram a oposição ao encontro do БМ em 2001: minar a ordem político-econômica que os condenava a um cenário de «não futuro», oculto pelos efeitos indiretos da aparente bonança econômica associada à terceira bolha imobiliária (1995-2007).

Assim, a partir desses dois fatos concatenados e entendidos como uma sequência quase ritualística de eventos cronotópicos, duas *verdades* se tornaram sólidas por parte dos mecanismos discursivos do poder. Em primeiro lugar, a consideração dos jovens como atores apolíticos que vivem à custa do Estado de Bem-Estar que a geração de seus progenitores tanto lutou por conseguir; assim, foi aplicada neles, mais uma vez, a etiqueta pejorativa e criminalizadora de «Nem-Nem». Em segundo lugar, a marginalização dos movimentos políticos mais combativos, protagonistas de protestos «não tolerados» – nas palavras de Charles Tilly –; relegados a um plano testemunhal no âmbito midiático e na esfera pública, foram rapidamente catalogados como «antissistema», «violentos» e «anarquistas»⁵. Dessa maneira, a *street politics* foi apropriada por movimentos sociais criados pelos órgãos de direção da sociedade civil que garantiam a legitimidade dos regimes democráticos (neo)liberais e condenavam à incompreensão os ativismos contrários ao discurso dominante sobre a situação (precária) juvenil⁶.

5. O uso do rótulo «anarquista» com cargas pejorativas e associada a manifestantes altersistema pode ser identificado na maioria dos conflitos atuais, da Grécia até o México, passando pela Espanha, Portugal, Itália... Assim, tornou-se uma referência discursiva habitual para tentar deslegitimar uma enorme variedade de movimentos de protesto social.

6. Isto lembra os rituais pseudoinsurreccionais dos swazi africanos analisados por Max Gluckman, nos quais o rei era simbolicamente deposto para assegurar a continuidade do sistema político, em M. Gluckman: *Rituals of Rebellion in South-East Africa*, Manchester University Press, Manchester, 1954.

Cronótopo 3: movimento estudantil anti-Bolonha (2008-2009). O terceiro cronótopo é constituído pelo ciclo de protestos estudantis que ocorreram entre 2008 e 2009 nas universidades espanholas contra a instauração do Atual Plano Bolonha, que tem como objetivo alcançar a excelência do ensino universitário e adaptar o currículo às necessidades das empresas⁷. As propostas de semiprivatização da universidade pública acarretaram o surgimento de numerosos protestos, que devem ser contemplados como o primeiro sinal claro e visível da divisão dos sindicatos e movimentos estudantis nos dois grandes grupos: reformistas e radicais. Em 20 de novembro de 2008, o átrio da Reitoria da Universidade de Barcelona apareceu repleto de mobiliário reciclado, painéis com cartazes e panfletos; inclusive num canto montou-se uma «biblioteca alternativa». Rapidamente, o governo iniciou uma campanha midiática para se opor à postura dos estudantes⁸. As autoridades universitárias, os porta-vozes políticos, os comentaristas governistas e os meios de comunicação desqualificaram os argumentos do movimento estudantil e tentaram projetar uma imagem distorcida do protesto e de seus protagonistas. De novo, os mesmos estigmas: antissistema, anarquistas, violentos...

Em 20 de novembro de 2008, o átrio da Reitoria da Universidade de Barcelona apareceu repleto de mobiliário reciclado, painéis com cartazes e panfletos; inclusive num canto montou-se uma «biblioteca alternativa» ■

Por fim, as forças de segurança da região autônoma fizeram a reintegração de posse da Reitoria em 17 de março de 2009, gerando um saldo de seis presos, 16 indiciados por desobediência e 21 feridos entre os 53 estudantes que se negavam a aceitar as propostas de diálogo do reitor. Os argumentos para a desocupação foram os habituais nos casos de protestos e desobediências civis não toleradas e «politicamente incorretas». Assim, num comunicado de imprensa da Reitoria afirmava-se que «a ocupação do edifício derivou numa situação de risco marcada por um clima de provocação e deterioração da convivência» e «a impossibilidade de garantir as condições mínimas de segurança, tanto das

7. José J. Brunner: «Prólogo» em Luis Enrique Alonso et al.: *El debate sobre las competencias. Una investigación cualitativa en torno a la educación superior y el mercado de trabajo en España*, Aneca, Madrid, 2009, disponível em: <www.aneca.es/var/media/148145/publi_competencias_090303.pdf>.

8. V. o site *Tancada a la Central*, <<http://tancadaalacentral.wordpress.com>>. A página governamental <www.queesbolonia.es> (acessado em dezembro de 2013) foi fechada com a chegada ao governo do PP e a passagem da política universitária para o Ministério da Economia e Indústria no início do ano.

peças como do patrimônio»⁹. Como no caso do Cine Princesa, a operação foi levada a cabo de madrugada, institucionalizando um proceder policial contra os jovens «violentos», «antissistema» e «anarquistas». No dia seguinte, a manifestação convocada pela Coordenadora de Assembleias de Estudantes no centro da capital catalã foi reprimida com violência ainda maior, o que provocou uma vintena de feridos.

No centro histórico da cidade travou-se, durante mais de uma hora, uma batalha campal, que serviu aos meios de comunicação para criminalizar os protestos radicais e confrontar os estudantes «pacíficos» (representados pelo Sindicato de Estudantes dos Países Catalães, majoritário entre o corpo discente das universidades catalãs, que finalmente aceitou as propostas de diálogo das autoridades universitárias) contra os outros, os «violentos» (representados pela Coordenadora de Assembleias de Estudantes, que continuou com as mobilizações e nunca acatou o resultado das negociações para a implementação do Plano Bolonha, seguindo com a denúncia das políticas neoliberais executadas pelos órgãos de governo dos centros universitários). Fraturava-se assim a frente comum reivindicativa e dava-se sinal verde para a continuidade das represálias policiais e judiciais contra os «violentos», enquanto os politicamente corretos, os «pacíficos» eram premiados. Em consequência, essa fratura deve ser considerada como um dos efeitos mais significativos desse evento cronotópico. Em resumo, a fratura que já se intuía entre os sindicatos de trabalhadores (adultos) trasladou-se para os sindicatos juvenis estudantis. A ruptura da frente comum adquiria características transversais também no aspecto geracional.

Cronótopo 4: os jovens na greve geral na Espanha (2010). Essa ruptura entre reformistas e radicais nos movimentos estudantis e sua transversalidade geracional se consolida em setembro de 2010 com a greve geral do dia 29 desse mês, convocada pelos principais sindicatos governistas do país (*Comisiones Obreras* – ccoo – e *Unión General de Trabajadores* – ugt –) contra a reforma trabalhista e os recortes de direitos relativos ao sistema público de pensões promovidos pelo governo social-democrata de José Luis Rodríguez Zapatero.

As duas centrais sindicais aceitaram convocar a greve por temerem que o anarco-sindicalismo assumisse protagonismo na luta social contra a opressão neoliberal, como estava ocorrendo nos centros de trabalho. A organização por

9. «Seis detenidos y 21 heridos tras el desalojo de la Universidad de Barcelona contra el Plan Bolonia» em *RTVE.es*, 18/3/2009, <www.rtve.es/noticias/20090318/seis-detenidos-21-heridos-tras-desalojo-universidad-barcelona-contra-plan-bolonia/249300.shtml>.

parte do sindicalismo governista garantia, aos olhos dos órgãos decisórios do Estado e da sociedade civil, a despolitização da jornada de luta operária. Em Barcelona, no mesmo dia em que em Madri milhares de manifestantes tentavam rodear o Congresso dos Deputados, cerca de 300 membros de grupos de ativistas altercapitalistas (englobados pelo autodenominado «Movimento 25-s») ocuparam a antiga sede do Banco de Crédito Espanhol, situada na central Praça Catalunya. No seu interior, programaram-se debates, conferências, atos culturais e lúdicos, além de um refeitório popular.

No dia da greve geral, as organizações «radicais» (em sua maioria formadas por jovens) concentraram-se nos Jardins do Paseo de Gracia e marcharam em direção à sede do banco Banesto na Praça Catalunya. Durante as duas horas de marcha, foram registradas as primeiras intervenções policiais como resposta a ataques contra caixas eletrônicas, queima de lixeiras, etc. Ao meio-dia, enquanto algumas pessoas preparavam o palanque onde as lideranças dos sindicatos majoritários (ccoo e UGT) fariam seus discursos, a polícia desocupou o banco e a operação resultou em numerosos presos e feridos. Uma vez mais, os meios de comunicação (re)produziram incessantemente a diferença entre os sindicatos governistas «politicamente corretos» e as «várias centenas de pessoas, todas elas desvinculadas dos sindicatos UGT e ccoo, [que] se concentraram em frente a esse prédio». Informou-se também que, «no final, a convocação reuniu um heterogêneo grupo de mais de 2.000 pessoas, entre as que havia jovens antissistema e membros dos sindicatos CNT e CGT»¹⁰. Essas duas formas de visibilizar a luta operária evidenciavam, porém, a crescente ruptura entre reformistas e radicais. A diferença entre os perfis de ambas as marchas refletia uma ruptura de estratégia política, mas também geracional. A ruptura entre sindicatos institucionalizados e movimentos independentistas e anarquistas constitui, de fato, uma ruptura entre adultos não precarizados e jovens precarizados, cisão que ficou evidenciada nas praças espanholas durante a primavera do ano seguinte.

A ruptura entre sindicatos institucionalizados e movimentos independentistas e anarquistas constitui, de fato, uma ruptura entre adultos não precarizados e jovens precarizados, cisão que ficou evidenciada nas praças espanholas durante a primavera do ano seguinte ■

10. «700 antisistema convirtieron en un campo de batalla el centro de Barcelona» em *El Periódico*, 30/9/2010.

Cronótopo 5: histórias perdidas do movimento dos indignados (2011). 16 de maio de 2011, hora do jantar. Em Barcelona, um grupo de jovens decide acampar na Praça Catalunya em solidariedade à dezena de pessoas desalojadas violentamente pela polícia na noite anterior em Madri, após uma maciça manifestação de indignação popular. Essa praça, um espaço urbano «não resolvido» no projeto do urbanista Ildefons Cerdà no século XIX, constitui nos dias de hoje um dos principais palcos das celebrações dos últimos títulos obtidos pelo FC Barcelona, das festas de final de ano, shows musicais; é também ponto de encontro de turistas, moradores locais, casais, famílias... e «indignados». Visitamos a praça em 22 de maio de 2011, quando foram celebradas eleições municipais e das regiões autônomas em grande parte da Espanha. O ambiente era tranquilo e festivo. De fato, a classificação da maior parte dos *acampados* não se ajustaria à etiqueta «antissistema» ou *perroflautas*¹¹, adjetivos pejorativamente usados por diferentes setores da direita (e pela social-democracia oficial) catalã e espanhola. Eram, principalmente, jovens de classe média urbana aliados a aposentados, muitos destes últimos ativistas da resistência antifascista durante a ditadura de Francisco Franco.

Apesar do enorme volume de trabalhos acadêmicos produzidos desde a emergência do movimento 15-M, dois dos fatores que caracterizaram essa eclosão não tiveram ainda a suficiente atenção acadêmica até o momento. O primeiro deles é a participação de milhares de «jovens independentes», ou seja, sem filiação política nem sindical, que antes do 15-M não haviam mostrado interesse algum pela política: certamente, eles foram os grandes protagonistas do movimento dos indignados. Neste sentido, poderia isso ser representativo da transformação da geração «Nem-Nem» em agente político de mudança?¹² O segundo fator explicativo fundamental seria a convergência, na praça, das duas maneiras de entender os protestos previamente explicados neste texto, embora reformistas e radicais se divorciariam poucos dias após o início das

11. Forma depreciativa utilizada na Espanha para denominar certo tipo de músicos de rua, de aspecto descuidado e desalinhado, normalmente acompanhados de um ou mais cachorros (N. da T.).

12. O mesmo fenômeno poderia ser observado naquilo que se conheceu na mídia como «primavera árabe». O que em anos anteriores era uma geração juvenil despolitizada – em termos gerais – tornou-se muito ativa e se transformou num agente de mudança política, tanto em Túnis como no Cairo ou Saná. Precisamente, foi a presença nas ruas de centenas de milhares de jovens sem filiação política, ativista ou sindical, que provocou a queda das ditaduras na Tunísia, no Iêmen e no Egito. Ver Atiaf Zaid Alwazir: «Youth Inclusion in Yemen: A Necessary Element for Success of Political Transition» em *Arab Reform Initiative. Arab Reform Brief* N° 64, 12/2012; e J. Sánchez García: «La ‘revolución’ contra los jóvenes: Movimientos políticos juveniles y producciones discursivas en la insurrección egípcia», conferência apresentada no seminário «No somos antisistema, el sistema es antinosotros», El Colegio de la Frontera Norte, Tijuana, novembro de 2013.

mobilizações: suas maneiras de entender o protesto voltavam a ser claramente divergentes, opostas. De fato, os discursos, gramáticas e práticas radicais revolucionárias anticapitalistas de contestação política e social propostos por marxistas, socialistas revolucionários, libertários e anarquistas foram silenciados e marginalizados, e seus representantes, (auto)exilados da Plaza Catalunya. Neste sentido, a invisibilidade dos movimentos tradicionais de classe poderia ser vista como uma dupla estratégia do próprio movimento 15-M: por um lado, para evitar a tradicional estigmatização dos movimentos juvenis por parte dos meios de comunicação oficiais como «violentos» e «anarquistas» (note-se a associação de caráter pejorativo, embora totalmente injusta, do termo) e, por outro lado, como uma aposta dos órgãos dirigentes do 15-M para incluir outros grupos sociais no movimento. Todo isso levaria a qualificar o 15-M como movimento «politicamente correto», assim como as *carnavalescas* manifestações contra a Guerra do Iraque em 2003.

**A invisibilidade dos
movimentos tradicionais
de classe poderia
ser vista como uma dupla
estratégia do próprio
movimento 15-M ■**

■ **Conclusões**

A análise dos cinco eventos apresentados neste texto permite estabelecer um percurso pelos ativismos políticos juvenis na Barcelona contemporânea para contribuir com uma *leitura cronotópica* sobre o crescente desencontro entre culturas políticas juvenis diferentes. Tal como foi detalhado neste artigo, esse desencontro acarretou como resultado final a criminalização das formas de oposição radical dos movimentos e sua expulsão do centro urbano. De certo modo, essa criminalização lenta mas constante, que produz uma ruptura nos movimentos de contestação e cujos eventos cronotópicos essenciais são a luta contra o Plano Bolonha e a greve geral de 29 de setembro de 2010, influiu de maneira significativa nas gramáticas e nas semânticas adquiridas pelo posterior movimento dos indignados de 2011, no qual se percebe a eloquente ausência dos anarco-sindicalistas, marxistas, libertários, independentistas altercapitalistas e outros ativistas combativos de esquerda.

Daí que possamos entender a ocupação dos espaços centrais da cidade como momentos cronotópicos nos quais ficam «suspensas» as coordenadas espaço-temporais que definem as funções estabelecidas pela ordem política, social e econômica da cidade capitalista pós-industrial. Seguindo o geógrafo norte-americano David Harvey, pode-se sugerir que as praças centrais simbólicas da

cidade pós-industrial aparecem como cenários de imposição de uma ordem hegemônica que é contestada nesses mesmos lugares¹³. É o caso dos jovens desesperançados do 15-M que, apesar das escassas experiências de participação político-social apresentadas pela grande maioria, verteram grandes doses de ilusão acerca da instauração de uma muito nova (na Espanha) democracia participativa (e performativa). Por isso cabe contextualizar tal proposta de transformação num «ritual de iniciação», no qual a emoção e a participação compartilham espaço e tempo nas ruas. A *street politics* se erige como cenário onde os até então *corpos passivos* (despolitizados) se transformam em *novos corpos ativos* (repolitizados), coordenados para a consecução de certos objetivos coletivos. Quando os manifestantes tomam as ruas centrais da cidade, conformam um espaço social onde as diferenças são representadas, simbolizadas e teatralizadas, ao mesmo tempo em que as diferentes filiações sociopolíticas são visibilizadas, *especializadas* e (re)produzidas de maneira uníssona¹⁴. Enquanto os protestos dos jovens manifestantes revolucionários altercapitalistas são reprimidos violentamente pelas forças de segurança do Estado, aqueles que são levados a cabo pelos reformistas utópicos são tolerados. O caráter performativo, ritualizado e um tanto carnavalesco dos protestos permite inclusive que eles sejam institucionalmente legitimados (e apoiados), com a finalidade política de salvaguardar a ordem estabelecida. ☒

13. V. em especial o capítulo «A arte da renda» em D. Harvey: *Cidades rebeldes. Do direito à cidade a revolução urbana* [2012], Martins Fontes, São Paulo, 2014.

14. Ver J. Sánchez García: «Tahrir y la cultura del rechazo: contraculturas y revolución en Egipto» em C. Feixa e J. Nofre: *#Generación Indignada. Topías y utopías del 15M*, cit.